



CONCEPÇÕES AGOSTINIANAS NA CULTURA

ERALDO RODRIGUES DA SILVA FILHO ⁹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da relação entre conceitos da filosofia agostiniana com elementos presentes na cultura pop. A partir de uma reflexão sobre os conceitos de mal e livre-arbítrio, presentes nas obras de Tolkien e na saga Star Wars de George Lucas, esse artigo visa trazer à tona, de maneira simples e direta, as concepções filosóficas de Agostinho presentes na cultura pop, e com isso ter um melhor entendimento e uma criticidade sobre o que lemos e assistimos na nossa sociedade.

Palavras-chave: Santo Agostinho , Filosofia cristã, Cultura pop, Mal, Livre-arbítrio.

Abstract

The present work aims to reflect on the relationship between concepts of Augustinian philosophy and elements present in pop culture. From a reflection on the concepts of evil and free will, present in the works of Tolkien and in the Star Wars saga of George Lucas, this article aims to bring to light, in a simple and direct way, the philosophical conceptions of Augustine present in the culture pop, and with that have a better understanding and a criticality about what we read and watch in our society.

Keywords: *Saint Augustine, Christian philosophy, Pop culture, Evil, Free will.*

Introdução

O bem e mal sempre foram questões que preocupam a humanidade, seja no por meio da religião, da filosofia, da arte, tais temas sempre foram abordados pelos homens. Essas questões tinham inicialmente o objetivo de compreender a origem do ser humano e como seria constituída a sua essência. Um dos maiores pensadores do período de transição da antiguidade para a idade média, Santo Agostinho, que teve bastante influência para o crescimento do cristianismo no ocidente medieval, enfoca alguns dos seus trabalhos na tentativa de trazer uma resolução a essa questão. Além disso, Agostinho também

⁹ Graduando no curso de História da UFRPE.



faz ligação entre a problemática de mal com o livre arbítrio buscando compreender a responsabilidade humana pela origem e por sua difusão na realidade.

Pode-se afirmar que existe uma relação entre os conceitos filosóficos de Agostinho acerca dos conceitos de bem, mal e do livre arbítrio na cultura pop. A partir das obras “Confissões” e “O livre arbítrio”, busca-se compreender e relacionar os pensamentos do Bispo de Hipona com a realidade apresentada na Terra média, em seu mundo inspirado em conceitos medievais criado por Tolkien e na fantasia científica idealizada por George Lucas na Saga Star wars.

Primeiramente, é inegável que exista na literatura de Tolkien uma relação explícita entre o conceito de mal, sendo quase sempre o enfoque de suas histórias². que está sempre presente ao longo de suas obras desde a origem do seu mundo fantasioso, Tolkien em certos aspectos consegue referenciar aspectos do cristianismo nas suas obras, no *Silmarillion*, nos é apresentado um deus criador, Eru Illuvatar que é confrontado por Melkor, um de seus Valar, que seria uma espécie de Deus menor. Podemos identificar um paralelo entre Melkor e o Anjo Lúcifer que Acaba caindo ao desafiar Deus. A partir de suas quedas vemos que sua influência inicia a propagação do “mal” na realidade.

O segundo conceito, o de livre-arbítrio, pode ser alocado na saga Star Wars, tendo como enfoque o personagem Anakin Skywalker que posteriormente assume o manto de Darth Vader. Considerado o escolhido que traria paz ao universo, a escolha desse personagem pode parecer inicialmente contraditória, visto que, ele seria predestinado a um certo destino. Entretanto, a partir da leitura de Agostinho podemos refletir se ele estaria mesmo preso a esse destino e qual o grau de liberdade que ele tem em suas ações. Podendo também ser relacionado com a paixão em detrimento da razão que ocorre durante a saga³.

Deus, a origem do mal e a Terra Média

Aurélio Agostinho de Hipona, conhecido universalmente como Santo Agostinho, nasceu em 354 d.C. na cidade de Tagaste e faleceu em 430 d.C. na cidade de Hipona. O Santo Agostinho foi um dos maiores pensadores do período de transição da antiguidade para a idade média, tendo seu pensamento influenciando todo o período medieval, sendo suas obras de suma importância para o desenvolvimento do pensamento cristão e filosofia ocidental. No começo de sua obra foi bastante influenciado pelo maniqueísmo em sua juventude, e posteriormente pelo neoplatonismo de Plotino. Em sua filosofia Agostinho procura obter a resposta acerca dos critérios que o espírito humano toma para escolher as boas ou má ações provindas do livre-arbítrio.



De acordo com Corsi (2020), nas obras de Agostinho é representada uma dualidade entre o bem e o mal, e da razão sobre a paixão e entre boa vontade e má vontade. Realmente podemos vislumbrar nas obras “*Confissões*” e “*Sobre o livre-arbítrio*” elementos utilizados pelo Santo acerca dessas questões, pois “o ser humano deseja fazer o bem, porém há algo em seu interior que, por vezes, não o permite fazer” (Corsi, p. 4, 2020). O Bispo de Hipona utiliza das escrituras sagradas para tratar de tal assunto, atribuindo ao primeiro homem, Adão a culpa por escolhermos as más decisões, pois segundo ele, estamos fadados ao pecado desde o nascimento. Ademais, é possível relacionar o mal com a queda do anjo Lúcifer, que além de voltar-se contra seu criador foi o responsável pela queda de outros anjos, além de ter persuadido Eva e posteriormente Adão a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

É possível reconhecer no livro VII das “*Confissões*” “A ideia de Deus e a origem do mal”. Para Santo Agostinho, o mal da moral está na ágape desordenada que está no coração, em essência, escolher coisas inferiores sobre as coisas mais elevadas⁴. O teólogo questiona qual a origem do mal e a relação dele com Deus criador, pois se ele tivesse criado tudo que existe, seria então Deus o autor do mal?

O autor questiona:

Portanto, ou há o mal que tememos, ou o mal é isto: temermos. De onde vem, então, se um Deus que é bom fez todas as coisas boas? De onde vem o mal? Talvez de uma matéria má a partir da qual as fez, e deu a ela forma e ordem, mas deixou nela alguma coisa que não se transformou em bem? Mas isso também, por quê? Por acaso, mesmo sendo onipotente, não tinha o poder de convertê-la e transformá-la interinamente, de maneira que nada restasse de mal? Finalmente, por que quis fazer algo a partir dela, ao invés de criar algo a partir de sua própria onipotência, de maneira que dela nada fosse? Ou ela poderia subsistir sobre sua vontade? Ou se ela era eterna, como por tanto tempo, nas infinitas durações temporais anteriores, ela deixou de ser o que era, e apenas posteriormente decidiu fazer algo dela? (AGOSTINHO, p. 175, 2017).

Com isso, o filósofo nos leva a questionar se Deus seria de todo bom, pois se ele criou todas as coisas, logo, teria também sido o autor do mal, além disso, questiona o fato que sendo um Deus onipotente não poderia purificar o mal para que deixasse de existir.

A partir disso podemos fazer alguns paralelos com a literatura de Tolkien para analisar e refletir acerca do conceito de mal para Agostinho, visto que suas obras possuem um grande teor filosófico, além disso, tendo bastante influência na cultura da contemporaneidade. No “*Silmarillion*”, vemos a cosmologia do universo, e apresentados ao Deus criador, Eru Ilúvatar, que criou os Ainur a partir de seu pensamento para cantar juntos em harmonia, dentre esses havia Melkor, o mais poderoso dos Ainur que por conta de sua ganância por



poder, acabara de destoar a harmonia da canção.

Enquanto o tema se desenvolvia, no entanto, surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos da sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado (Tolkien, p.5, 2003).

Logo após tentar se rebelar contra o seu criador, Melkor é banido e se volta para a terra média, onde ele utiliza de seu poder e influência, para corromper as criaturas que lá vivem. Partindo desse contexto, podemos visualizar alguns paralelos entre o cristianismo e a obra de Tolkien, principalmente com relação a queda de Adão e Eva com figura de Melkor relacionada com a de Lúcifer (a serpente) , enquanto Eru Ilúvatar seria a representação de Deus. É comum, a partir disso, alocar sobre o ser divino a culpa de criar um ser imperfeito, permitindo que este cometesse um mal.

Diante disso, retomaremos a questão tratada anteriormente, sendo Deus o criador de tudo, seria ele também o autor da miséria e infelicidade no mundo? Para Agostinho, é a vontade do homem que determina se suas escolhas se inclinam para o bem ou mal. Corsi destaca:

Parte-se da premissa de que Deus é perfeito e bom, e por assim ser, o que cria também possui categoria de perfeição e benevolência. À vista disso, tomar como verdade que Deus criou o ser com imperfeições e com o mal, é contradizer o preceito de perfeição e bondade, além disso, o conceito de justiça também é atribuído a Deus, pois Ele distribui recompensa aos bons e castigo aos maus, cada um recebe de acordo com sua prática. (Corsi, p. 7, 2020).

Em vista disso, podemos compreender que apesar de ter criado todas as coisas, o mal não faz parte da sua criação, trata-se de um déficit, uma falta do bem, ele não existe em uma realidade metafísica, o mal é um “não ser”. Mas se o mal não é uma criação divina, quem seria o seu autor afinal? Para o Bispo de Hipona em “o Livre-arbítrio” (Agostinho p. 17, 2019) , alega que a resposta para essa questão seria um tanto complexa e inconclusiva, pois “não há um único e determinado autor, senão que cada pessoa , ao não agir retamente , torna-se o verdadeiro e próprio autor das más ações”.

Ou seja, o mal é inerente ao ser humano, e cabe ao criador agir como um juiz para punir as ações, principalmente oriundas da paixão. Pois quando tomamos decisões baseadas na paixão sobrepondo nossa razão, acabamos cometendo o mal. Pois o ser seria dotado de sabedoria, que seria o domínio sobre a paixão que leva o ser humano ao erro, o que nos mostram alguns dos preceitos neoplatônicos em sua filosofia ⁵.

Em “O senhor dos anéis ”, Tolkien nos apresenta Smeagol ,ou Gollum, sendo uma figura que transita entre o “bem e mal” durante a obra, ele seria pertencente a uma das raças



dos Hobbits (seres pequeninos muito abordados durante a saga), sempre fascinado pelo desconhecido, acaba sendo dominado por seu inconsciente, ‘principalmente ao encontrar o Um Anel, que nessa obra seria parte da alma de Sauron, sucessor de Melkor após a sua derrota. No dia do seu aniversário, dia 29 de abril de 2463 da Terceira Era, Sméagol foi pescar com seu primo Déagol. Déagol foi puxado para a água por um peixe, e emergiu com um anel de ouro. Ambos contemplavam o Um Anel, pertencente a Sauron, o Senhor das Trevas, e perdido durante a morte de Isildur na batalha dos Campos de Lis muito tempo antes. O desejo de Sméagol pelo Anel levou-o a matar Déagol. Ele escondeu o corpo e ninguém jamais descobriu o que aconteceu com Déagol. O anel é o maior objeto de desejo durante toda a franquia, levando à tentação até dos mais honestos dos homens e ao ficar sobre a posse de Sméagol, ele o corrompe.

Smeagol representa uma dualidade presente no ser humano que o torna livre para fazer escolhas, pois, caso não houvesse tais possibilidades ele seria condicionado a viver unicamente para o bem ou para o mal e, por consequência, não seria livre, pois apesar de ser tentado pelo anel, foi sua escolha ter cometido o assassinato de seu primo. Na trilogia, depois da obtenção do Anel, o comportamento de Sméagol transformou-se, tendo sido reforçada a influência do inconsciente influenciado pela paixão sobre a consciência regida pela razão.

Smeagol pode ser caracterizado como um ser que mesmo sendo possuidor de sabedoria e razão, por conta de seu interior de sua alma desordenado, que exercia uma primazia sobre seu entendimento, tornou-se passível para de más ações. A vontade estaria presente na tomada de decisões que os seres humanos fazem, e quando desordenada permite a anteposição do desejo de obter a ciência do bem e do mal, pondo a si mesmo em lugar de referência na tomada de decisões. Além disso, a paixão nos leva ao apego de bens materiais, pessoas e o medo de perdê-las, o Gollum temia que o seu “precioso” escapasse de sua posse.

O temor o levou a cometer atrocidades, assassinando seu primo, em prol de não perder o Um anel ⁶. Se tornando um ser humano desordenado interiormente tende a permitir a primazia da paixão sobre o entendimento, tornando-se escravo dos vícios que desvirtuam a alma, que é o bem mais precioso da pessoa humana. Ademais, é importante ressaltar que o desejo de uma vida sem medo visa um bem, no entanto esse desejo não seria restrito apenas aos homens bons, mas também aos maus por conta disso não é possível validar como boa ou má a busca pelo pela garantia desse viver sem medo. Como Agostinho ressalta:

Porque o desejo de viver uma vida sem medo não é só próprio dos bons, senão também dos maus, mas com essa diferença: os bons o desejam renunciando ao amor daquelas coisas que não se podem possuir sem o perigo de perdê-las; en-



quanto que os maus, a fim de gozar plena e seguramente delas, se esforçam para remover obstáculos, e por isso levam uma vida criminosa e maldade, que, em vez de vida, deveria chamar-se morte (Agostinho, p. 25, 26 ; 2019).

Para Klautau (2007), os primeiros pensamentos de Agostinho com relação a essa questão seria que o bem é o que garante a nossa existência, enquanto a morte seria quando essa existência cessaria. Dessa forma, o viver seria bom e o mal seria oriundo da morte.

Não existe nenhum ser vivo que não venha de Deus, porque ele é, na verdade, a sua vida, a fonte mesma da vida. Nenhum ser vivo, enquanto tal, é mau, mas somente enquanto tende à morte. A morte da vida, essa é a perversão ou maldade (nequitia), isso é o nada. Por isso, com razão, os homens mais perversos são chamados 'homens do nada'. Se a vida tende ao nada foi por se ter desviado - por uma defeção voluntária - de quem a criou, e de cujo ser desfrutava. Foi por querer - contra a lei divina - gozar dos seres corpóreos aos quais Deus a tinha colocado superior. Essa é a perversão. Não porque o corpo seja nada. Pois ele possui certa harmonia em suas partes, sem o que não poderia existir. Também ele é obra daquele que é o princípio de toda harmonia. Todo corpo possui como certo equilíbrio de forma, sem o qual não existiria. Logo, o Criador dos corpos é o princípio de todo equilíbrio. Ele é a forma incriada e a mais bela de todas as formas. Os corpos todos possuem certa beleza, sem a qual não seriam o que são. Se pois, indagarmos quem constitui os corpos, busquemos entre todos os seres o que seja formosíssimo. Toda formosura procede dele. E quem é esse senão o Deus único, a verdade única, a única salvação de todas as coisas, a primeira e soberana essência, a fonte de onde procede tudo o que é - enquanto tem o ser - porque tudo o que é como tal é bom. (AGOSTINHO, 2002, p. 46-47, Apud, Klautau, 2007, p.92).

Em vista disso, o Bispo de Hipona nos leva a crer que a vida é primeira , a morte segunda. seria certeza que tudo o que vive, um dia deve morrer, que seria a origem do mal, mas para a existência da mesma antes de tudo deveria existir a vida antes da morte, que seria um ser que não morreria, que funda a vida , mesmo que depois surja o nada. A diferenciação entre o criador e suas criaturas seria que ele é perfeito e suas criaturas não, por conta disso morrem. Pois embora estejam vivas dirigem-se para a morte. A definição que o autor da matéria como algo perecível, por si só não a define como ruim, pois a matéria não é má por si mesma. Possuindo harmonia e beleza, o problema é que ela seria insuficiente para se sustentar. Pois sendo parte da criação, ela está longe do Criador, e por conta disso, destinada a destruição. Como foi tratado anteriormente, a perversidade está atrelada à dependência dos frutos do criador, ou bens menores, em detrimento de si próprio.

O que podemos elencar com o desejo desesperado pela vida dos Numenorianos. Pois mesmo recebendo a dádiva da longevidade por parte dos deuses, por conta de suas boas ações no



passado, surge no íntimo de seus seres a vontade perversa de continuar aproveitando os prazeres do mundo. Se tornando perversos e se afastando do caminho da vontade divina.

[...] Os numenorianos começaram a ansiar pela cidade imortal que viam de longe; e ficou intenso em seu íntimo o desejo de pela vida eterna, de escapar à morte e ao final dos prazeres. E quanto mais cresciam seu poder e sua glória, mais aumentava sua inquietação(Tolkien, p. 204, 2003).

A partir disso, vemos a humanidade elevando seu interesse pessoal acima do bem coletivo, como uma norma suprema não obedecendo a lei eterna (a dos deuses) a qual a moral seria fundamentada, com isso acarretando em uma punição divina de todos os indivíduos. Na obra *Sobre o livre-arbítrio*, o Bispo de Hipona fala sobre a origem da desarmonia no mundo, buscando esclarecer as dúvidas humanas acerca desse mistério fundamental, em sua liberdade, optando pelo mal e renúncia do bem.

Livre-arbítrio em Star wars

O livre-arbítrio seria a possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante, sendo um atributo da alma racional de prover sua vontade perante o ser. Agostinho escreveu em “*O Livre-arbítrio*” que o mal seria proveniente das ações humanas, que poderiam escolher o bem. No entanto, posteriormente ele muda sua conceituação sobre o tema, afirmando que o livre-arbítrio sempre decairia para o mal e a única salvação seria por meio da graças de Deus.

Podemos refletir a ligação desta questão com a franquia *Star Wars* de George Lucas, a obra trata acerca de diversas temáticas e arquétipos da ficção na ficção científica e na mitologia antiga presente nesses gêneros. A utilização do monomito, a jornada do herói, do mitólogo Joseph Campbell também está presente na obra: A questão do herói caído na figura de Anakin Skywalker.

No longa “*Star Wars: Episódio I - A ameaça fantasma*” dirigido por George Lucas em 1999, somos apresentados a Anakin, um jovem escravo que vive com sua mãe, ao se encontrar com o cavaleiro jedi Qui-Gon, este percebe que o garoto tem uma forte capacidade na força (energia presente em todos os seres vivos e que dá equilíbrio ao universo), com isso Qui-Gon se convence que o garoto seria o “escolhido” de uma antiga profecia Jedi para trazer o equilíbrio a força. No entanto, o pedido de Qui-Gon para treinar o menino foi inicialmente recusado pelo conselho Jedi, pois houve certa preocupação com relação ao medo do menino de perder sua mãe. O medo seria uma emoção negativa para os jedi como elucidada Yoda: “O medo é um caminho para o lado sombrio. Medo leva à raiva; raiva leva



ao ódio; ódio leva ao sofrimento”⁷, no filme “ A Ameaça Fantasma (1999)”.

Ao compararmos esse conceito, vemos uma breve relação com a filosofia de Agostinho, pois sobre a influência de fundamentos estoicos e neoplatônicos, o filósofo elabora sua teoria baseada na autonomia e responsabilidade moral para o homem. Com a negação das tentações como: A paixão, o medo, a raiva e o ódio. O que pode ser relacionado com as diretrizes de conduta do código Jedi:

PRECEITO	DIRETRIZ A SEGUIR
1º	Não Há Emoção, Há paz: Tal princípio ensina que deve-se agir com prudência e ver ações através da lente da Força, para que não aja de forma precipitada em certas ações.
2º	Não há Ignorância, Há Conhecimento: Essa é uma das diretrizes que estão ligadas ao Jedi de sempre buscar se aperfeiçoar em aprender mais e mais, através de arquivos, para que assim possa compreender certas situações, para que não possa cometer erros.
3º	Não Há Paixão, Há Serenidade: Nesse preceito as ações devem ser realizadas de caracteres da noética, ou seja, pensada e refletida, para que os desejos pessoais não possam atrapalhar nos resultados finais de missões.
4º	Não Há Caos, Há Harmonia: A compreensão desta diretriz, está diretamente associada ao equilíbrio simbiótico que há no universo para existência de tudo que há.
5º	Não Há Morte, Há Força: Todos os seres um dia morrem, mas as Forças que há neles sobrevivem e se unem em uma única energia cósmica.

Fonte: Valente; Souza (2021) , Cf. os dados: (Wallace, 2016, p. 46).

Esses aspectos da filosofia Jedi vão de encontro com o que Agostinho trata com o uso da razão para submeter a paixão. Em contrapartida, o pensamento dos Sith que estabelecem a sua premissa em emoções negativas associadas a empregabilidades individuais, inerente aos sentimentos de raiva, medo, frustração, inveja e ódio. Para Valente e Souza (2021) “o ódio se tornaria a principal mola propulsora de empoderamento que emana deste tipo de Força”. O domínio que esse tipo de emoção exerce sobre a mente perturbam o humor e a vida de seu usuário, transformando- o completamente.

A principal questão sobre o livre-arbítrio que se estabelece em Star Wars consiste em Anakin, que posteriormente, adota o nome de Darth Vader , a decisão de seguir o lado negro da força, por conta de um indomito desejo de evitar a morte de sua esposa, Padme Amidala, por conta de visões que lhe eram reveladas em sonhos. Dessa forma, sua mente dominada pela paixão, o tornou miserável e com isso privando-o de suas virtudes e se distanciando do caminho da força e conseqüentemente o de Deus no pensamento agostiniano. Dentro de uma perspectiva histórica sobre o conceito de livre-arbítrio, temos no século IV discussões entre Santo Agostinho e Pelágio, pois para Pelágio:



“[...] É na vontade humana que está todo o pecado. Assim a natureza é essencialmente boa, e apenas a vontade humana é causa do pecado, e uma vez conhecidas as virtudes evangélicas, existe a possibilidade de não mais pecar” (Klautau, p. 105, 2007).

No entanto, para Agostinho o pecado estaria fundamentado exatamente na liberdade que possuímos. No caso de Anakin, justamente por ser livre que ele teria se voltado para o lado sombrio, pois em sua liberdade tudo o que existe seria iniquidade e o pecado. Pois sendo ele escravo de suas emoções não conseguiria optar pelas boas decisões, para isso seria necessário uma intervenção divina. De acordo com Vahl (2019), no espírito humano “a Graça é geradora das condições de possibilidade para que o homem possa realizar boas escolhas”. No entanto, segue-se uma problemática com relação a liberdade que o indivíduos teria para exercer suas ações, pois sendo Deus onisciente, isso exerceria uma presciência sobre os atos de cada indivíduo, o que Agostinho discorda veemente, pois, para ele, seriam improcedentes qualquer méritos prévios da sua graça na tomada de decisão de cada pessoa. Embora Deus tenha o conhecimento de quem pode se tornar bom e se salvar .

Tendo em vista que esse conceito, é perceptível na filosofia agostiniana dois pensamentos com relação a liberdade, no primeiro o homem seria dono de seu próprio destino sendo ele bom ou mau, e no segundo temos um Ser compadecido se dirigindo ao homem pecador e restaurando sua natureza. Agostinho vê a graça divina como uma forma de perdão e misericórdia, seria “ uma manifestação de Amor por parte daquele que foi rejeitado pela liberdade humana na ação voluntária que gerou o seu declínio” (Vahl, p. 15, 2019). Dessa forma, Bispo de Hipona crê que a decisão humana só poderia manifestar-se novamente para o bem por meio de uma intervenção divina da Graça

Esse dilema é crucial para entendermos os conceitos de Graça, Livre-Arbitrio, Natureza e Pecado Original. Uma vez que a Natureza do homem é boa, mostra que Deus é bom, porque tudo o que procede dele é bom. Porém, existe no homem a possibilidade do Livre-Arbitrio, porque esse também é um dom. Ora se é livre pode ser usado para o Mal, ou seja para o nada, para a diminuição da Natureza, que é voltada para o Bem, que é Deus, a Vida. Esse mau uso do Livre-Arbitrio existe porque a Natureza humana, apesar de boa, está com defeito, doente, corrupta. Eis o Pecado Original, do qual nenhum homem pode fugir. E independente de como o Pecado Original exista, ele deve ser entendido, e superado, através das súplicas pela Graça de Deus, que por ser gratuita, independe dos méritos e direitos que a humanidade julgue ter (Klautau, p. 107, 2007).

Com isso podemos relacionar as decisões de Anakin e posteriormente de Darth Vader, baseadas nesses preceitos pois ao se tornar escravo de suas paixões, o mesmo acaba por cometer diversos delitos passíveis da punição divina, entretanto, ao se arrepender de



seus erros ele se redime, por meio de vontade própria e juntamente com o desejo da Força (que podemos entender como a graça de Agostinho), e com isso ele faz se cumprir a profecia a qual estaria destinado, a de trazer equilíbrio à força.

Considerações Finais

A correlação da literatura tolkieniana e da franquia cinematográfica Star Wars, se tratando de substratos da cultura pop e sua relação com aparatos filosóficos e um tanto religiosos, se deu por conta das abordagens de temas relevantes em ambos os universos.

Principalmente nas obras de Tolkien que elencam diversos preceitos do cristianismo, pois o autor era adepto da religião, o que é perceptível ao longo de todas as suas obras. Já no universo de Star Wars, vemos que existe um estilo de vida que visa o equilíbrio do universo. Ao investigar os conceitos de bem e mal e também o de livre-arbítrio em ambas as obras e a partir disso comparar com os conceitos agostinianos que podem ser elucidados dentro desse universo da cultura pop.

A origem do mal sendo proveniente das suas próprias ações e sendo intrínseco à existência dos seres humanos sendo uma das questões mais importante para a humanidade desde tempos remotos sendo vislumbradas na literatura de Tolkien nos mostra como esse tema é de tamanha relevância até os dias de hoje. Ademais os conceitos de liberdade que pode ou não nos encaminhar para um caminho obscuro além da saga Star Wars, também está presente no cerne da literatura tolkieniana. Além disso, o uso de elementos da cultura pop para buscar para entender aspectos da filosofia, facilita não somente o entendimento de diversas questões, mas também estimula o pensamento crítico. Ademais, ao buscar em ambas as obras ecos do pensamento de Santo Agostinho é interessante não apenas do ponto de vista religioso, mas também pelo aspecto filosófico que foi de grande influência em grande parte da história da humanidade.



REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. Confissões / tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammì. – 2° ed. – São Paulo: Penguin Classics companhia das letras, 2017.

AGOSTINHO, Santo, Sobre o livre-arbítrio; tradição de Everton Toresin – Campinas, SP: Ecclesiae, 2019.

CORSI, Uellinton Valentim. Origem do mal segundo Santo Agostinho: Uma perspectiva judaico-cristã. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 05, Vol. 01, pp. 131-152. Maio de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/origem-do-mal>

KLAUTAU, Diego Genu . O Bem e o Mal na Terra-Média - A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade. 2007. F. Tese. (Mestrado em ciências da religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

Tolkien, J. R. R. (2003). Tolkien, Christopher, ed. O Silmarillion 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

VAHL, M. J. . CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE LIBERDADE EM AGOSTINHO ? UMA REFLEXÃO SOBRE A VONTADE LIVRE NO HORIZONTE DA TEORIA DA GRAÇA. KÍNESIS (MARÍLIA) , v. 11, p. 70-91, 2019.

VALENTE, J. F. B. ; SOUSA, F. S. As Representações Religiosas e Teológicas na Saga Literária de Star Wars .São Paulo: TEOLITERÁRIA - Revista de Literaturas e Teologias - USP. 2021

Filme Citado

Star Wars: Episódio I - A Ameaça Fantasma; Direção: George Lucas. Produção: Lucasfilm. Estados Unidos: Warner Bros. 1999. 1 DVD.

Apêndices - Referências de notas de rodapé

2. No *Silmarillion* observa-se a ascensão e a queda de Melkor, posteriormente Morgoth, como o primeiro senhor do escuro que espalha a escuridão e corrupção por toda a Terra Média. Após a sua queda, Sauron passa a ocupar esse posto.

3. Em sua obra *Sobre o livre-arbítrio*, Agostinho relata que um ser sábio seria aquele que subordina as suas paixões sob a razão.

4. Para ele, o ser humano sempre toma as suas decisões voltadas para o mal. Somente com



amparo da graça que conseguiria voltar para um caminho virtuoso.

5. O Neoplatonismo tentou reconciliar a doutrina cristã com as filosofias clássicas das sociedades grega e romana. Assim, se apropriando das percepções de Platão acerca da razão sendo superior a paixão, Agostinho utiliza esses elementos em suas análises filosóficas.

6. No entanto, para Agostinho o ser é responsável por seus próprios atos, não podendo terceirizar a sua culpa, pois mesmo sendo tentado pelo Um anel, foi a sua decisão o que levou ao mal.

7. O que pode ter tido grande influência da filosofia estoíca, prezando a fidelidade ao conhecimento e o foco em tudo aquilo que pode ser controlado somente pela própria pessoa. Desprezando todos os tipos de sentimentos externos, como a paixão e os desejos extremos. Muito presente também nas obras de Agostinho.